



A perspectiva

da Sociologia da Infância sobre o papel do
brincar na Educação Infantil

Ruth Helena da Silva Feijó

Alessandra Nascimento Aguiar

Lucilene Pacheco Santos

Jediã Ferreira Lima

A perspectiva da Sociologia da Infância sobre o papel do brincar na Educação Infantil

Ruth Helena da Silva Feijó⁴

Alessandra Nascimento Aguiar⁵

Lucilene Pacheco Santos⁶

Jediã Ferreira Lima⁷

RESUMO

Este trabalho, parte do Projeto Assistência à Docência, tem como objetivo refletir sobre a prática da pedagogia a partir das experiências vividas na turma do primeiro período do CMEI Argentina Barros, localizado na Divisão Distrital Centro-Sul da cidade de Manaus/AM. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário efetuar um levantamento teórico e executar sua análise com base na fundamentação de artigos, livros de professores, pesquisadores

4 Acadêmica do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: rhsf.ped20@uea.edu.br

5 Acadêmica do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: ana.ped20@uea.edu.br

6 Professora pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

7 Professora e Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: jedylima@hotmail.com

e filósofos na área da Educação Infantil, sendo elementos imprescindíveis para a elaboração de pressupostos que auxiliam nas reflexões apresentadas ao longo do trabalho. Para nos orientar até o objetivo central, foram realizados relatos das trajetórias pessoais, vida acadêmica e experiências de práticas docentes. Por fim, procuramos refletir e interpretar as experiências do brincar, obtidas dentro da sala de aula, levando em consideração os princípios da Educação Infantil dispostos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96.

Palavras-chave: Brincar; Educação Infantil; Projeto Assistência à Docência.

ABSTRACT

This work, part of the Teaching Assistance Project, aims to reflect on the practice of pedagogy from the experiences lived in the first period class of CMEI Argentina Barros, located in the District Center-South Division of the city of Manaus/AM. For the development of this work, it was necessary to carry out a theoretical survey and carry out its analysis based on the foundation of articles, books by teachers, researchers and philosophers in the area of Early Childhood Education, being essential elements for the elaboration of assumptions that help in the reflections presented to the throughout the work. To guide us towards the central objective, reports of personal trajectories, academic life and experiences of teaching practices were made. Finally, we try to reflect and interpret the experiences of playing, obtained within the classroom, taking into account the principles of Early Childhood Education set out in the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB), Law nº 9.394/96.

Keywords: Play; Child education; Teaching Assistance Project.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) é um lugar com várias possibilidades para expandir os conhecimentos e a relação teoria e prática na educação, sendo que nesse laboratório há diversos projetos, e um deles é o Projeto Assistência à Docência (PAD), o qual trata de uma iniciativa de professoras empenhadas com a Educação Pública que visa proporcionar experiências práticas a futuros educadores ainda em sua graduação, em que os discentes têm contato real com a sala de aula e o conteúdo daquela instituição de ensino. Os graduandos de diferentes Licenciaturas (Letras, Matemática, Geografia, História, Biologia e Pedagogia) realizam atividades pedagógicas e lúdicas a fim de estimular tanto crianças quanto alunos a se apropriar de conteúdos curriculares de suas respectivas disciplinas. Dessa forma, vincula-se a teoria estudada em sala de aula com o ambiente real de uma instituição pública.

O PAD busca facilitar a transição que o acadêmico teria da Universidade para as escolas e prepará-lo para o ambiente escolar de sua comunidade. Além disso, procura despertar o acadêmico para possíveis falhas no seu entendimento do ser professor, bem como apresentá-lo às dificuldades do seu futuro ambiente de trabalho. Tal contato é essencial para que se desenvolva o profissional de Licenciatura completo, com amplas reflexões, questionamentos e ímpetos de mudança social ainda no período da Universidade.

O intuito deste relato é compartilhar experiências, aprendizados e reflexões vivenciadas no período vespertino em sala de aula do primeiro período do CMEI Argentina Barros. O relato também visa demonstrar a perspectiva de graduandas do Curso de Pedagogia em

suas experiências práticas na Educação Infantil, expondo a mudança no pensamento e a obtenção de novos saberes da prática pedagógica e mudanças em concepções iniciais da sala de aula.

Ao longo do trabalho, abordaremos a importância da atividade lúdica na sala de aula e como essa prática pode beneficiar o desenvolvimento das crianças. Ao explorar o brincar, podemos considerar diferentes percepções e reflexões. Refletimos como a atividade lúdica pode ser usada como uma ferramenta de ensino eficaz e engajadora, contribuindo para a aprendizagem dos alunos de uma forma mais criativa e dinâmica. Além disso, dialogaremos sobre as formações continuadas oferecidas pelo LEPETE e o quanto podem ser valiosas para os AD.

O ENCONTRO COM O PROJETO ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Com intuito de demonstrar a nossa trajetória, na experiência acadêmica-pessoal no projeto, apresentaremos a nossa caminhada nestes percursos da formação docente que enlaça Universidade/Escola.

Eu, Ruth Helena da Silva Feijó, passei uma parte muito significativa da minha vida em colégio militar. Especificamente, estudei no 2º Colégio Militar da Polícia Militar (CMPM) localizado na Avenida Max Teixeira. No primeiro ano do Ensino Médio, consegui uma boa classificação nas Olimpíadas de Biologia, Ciências e Física, algo que me deixa orgulhosa sempre que penso no assunto. No segundo ano, dediquei-me mais ainda aos estudos para manter meu desempenho acadêmico. Ao final de 2018, precisei sair do CMPM e comecei a estudar na Escola José Bernardino Lindoso, deixando meus amigos mais queridos para trás.

Minha experiência depois do Ensino Médio não foi o que imaginava. No final de 2019, recebi a notícia de que tinha sido aprovada na faculdade de Pedagogia e comecei a frequentar a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em 2020. Fiquei animada com a ideia

de voltar aos estudos e experimentar um ambiente totalmente novo. No entanto, a pandemia de 2020 (COVID-19) forçou as aulas a serem ministradas no ensino remoto, o que trouxe uma mistura de sentimentos. No geral, gostei de não me deslocar para a faculdade, mas a longo prazo isso foi estranho. Passar tanto tempo em casa era desgastante e o sentimento de ansiedade parecia oscilar em vários momentos.

Enfim, passei meus primeiros anos na faculdade sem poder sair de casa, tal qual uma criança. A faculdade em si foi apaixonante, adorei algumas matérias, outras nem tanto, mas senti que podia aprender muita coisa nova. Em 2022, com a volta das aulas presenciais, me envolvi com vários projetos além do curso, em especial o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) e o Projeto Assistência à Docência (PAD), cuja oportunidade concedida pelo Laboratório teve um impacto transformador em minha trajetória profissional, acadêmica e pessoal.

Eu, Alessandra Nascimento Aguiar, Assistente à Docência, aluna do curso de Pedagogia da Escola Normal Superior cursando o sexto período, comecei minha trajetória acadêmica no Centro Educacional Mara Toscano (CEMART), marcando o início de um caminho de conhecimentos. No decorrer do Ensino Fundamental vivendo experiências e descobrindo conhecimentos, percebi que havia algo de belo no aprender e ensinar. E as atividades que por vezes me cansavam, traziam satisfação também. No cotidiano da Escola Estadual Antogildo Pascoal Viana, tive a dádiva de conhecer os professores que me inspiraram o sonho de ser professora. Aqueles que se destacaram são os que ensinavam História, Filosofia e Sociologia.

O ato recorrente de questionar a realidade vivida na periferia, as indagações sobre o passado e o desejo de transformar o mundo material que existia neles foi em mim incorporado. Ao final do Ensino Médio já sabia que queria ser professora, mas a nota que obtive com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) me fez esperar mais um pouco para realizar esse sonho. E, somente em 2020 consegui a tão sonhada vaga na Pedagogia, apesar de entrar no ano que a pandemia eclodiu.

Assim, em parte a experiência do chão da Universidade foi retirada de mim de maneira cruel, junto levou também professores e as possibilidades de aprender com eles. Mas ao chegar em 2022 tive a oportunidade de retornar à Universidade, conhecer o LEPETE e o PAD, o que me proporcionou a oportunidade de conhecer várias realidades no chão da escola, por serem de zonas escolares e níveis de ensino diferentes. Ou seja, Educação Infantil, o ensino fundamental I, o ensino fundamental II, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Indígena. Ressaltamos que três das nove escolas atendidas pelo (PAD) são de realidades bem específicas: escola Indígena, rural ribeirinha e rural rodoviária.

CONTEXTO EDUCACIONAL E SUAS PARTICULARIDADES

O nosso trabalho foi realizado no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Argentina Barros, localizado na Divisão Distrital Centro-Sul da cidade de Manaus, funcionando nos turnos matutino e vespertino. Chegamos e assumimos a regência da sala de referência de 13h30 às 16h30, no turno vespertino, cujas experiências vivenciadas neste relato ocorreram na sala do 1º período G, com a participação média de 13 crianças.

Ao observarmos o contexto social em que se localiza o CMEI podemos ver uma concentração comercial próxima, a infraestrutura um pouco precária e casas no entorno. A escola tem salas amplas, iluminadas e com mesinhas e cadeiras apropriadas, com amplo espaço e possui parque para realização de atividades fora da sala. E na sala de referência, foi possível ver a organização dos materiais, tais como: tintas, lápis de cor, papel, massinha, bambolês, cordas, brinquedos e livros infantis.

Os atores sociais do CMEI, com base na nossa observação, realização de atividades e conversa com as crianças, se constitui de uma classe social média que possui acesso aos bens de consumo

que têm um custo elevado e com isso trazem muito da cultura que conhecem. Ao pensarmos nisso, concluímos que a divisão de classes sociais contribui para diferentes objetivos educacionais, sejam eles de valorização do pensamento técnico ou do pensamento crítico.

Em relação ao dia a dia, durante as tardes de regência nessa turma do 1º período G, percebemos que a rotina se constitui primeiramente com uma conversa entre a professora e nós, AD, que recebemos orientações sobre a forma de conduzir as atividades em sala, onde é repassada uma rotina: momento da rodinha (música ou conversa), atividade de escrita, lanche, conclusão de “atividade” e brincadeira com massinha ou com brinquedos disponíveis na sala. As atividades diárias sugeridas pela professora regente da turma são, na maioria, de escrita de letras ou números feitos em blocos de atividade ou cadernos de cada criança, com ênfase na Alfabetização.

PERCEPÇÕES E REFLEXÕES SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: AS BRINCADEIRAS E SUAS SINGULARIDADES

Em princípio, para orientar as reflexões realizadas ao longo do texto é necessário ressaltar que a etapa inicial da Educação Básica é a Educação Infantil, cujo objetivo é promover o desenvolvimento de crianças pequenas por meio de ações colaborativas com as suas famílias. Nessa fase escolar, o diálogo, o cuidado e a educação se tornam pré-requisitos para uma Educação Infantil de qualidade.

Consideramos relevante destacar as rotinas nos cotidianos das crianças presenciados nesse contexto. Infelizmente, muitas vezes se negligencia a importância da dimensão ética do cuidado, assim como a sensibilidade em reconhecer que a criança necessita de afeto e atenção em seu processo educacional. Alguns Centros Municipais de Educação Infantil falham em reconhecer a criança como um sujeito de direitos, ao invés disso, consideram-na como um indivíduo ou objeto que requer tutela. Guimarães (2011) afirma que:

À medida que tiramos o cuidado de uma dimensão instrumental, de disciplinarização e controle sobre os corpos (na creche, isso significa, por exemplo, dar banho, alimentar, como exigências técnicas e rotineiras somente), para colocá-lo na esfera da existencialidade, ele contribui na concepção de educação como encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada (p. 48).

Nesse sentido, o foco na disciplina frequentemente toma o lugar da valorização do cuidar e do educar, o que significa que a criança é forçada a se adequar à rotina da escola em vez de aprimorar seu tempo de aprendizagem e de experiências. A Educação Infantil tem a responsabilidade de ampliar e enriquecer as experiências e aprendizados das crianças, destacando a importância de enxergá-las como indivíduos reais e tangíveis. O que nos faz refletir que a experiência em sala de aula, por meio do PAD, nos possibilitou o aprofundamento em alguns conceitos da Sociologia da Infância.

Dessa forma, por meio da autonomia concedida pela professora da sala de aula, percebemos que as crianças necessitam ter seu tempo e liberdade respeitados para que desenvolvam suas capacidades de maneira orgânica e sem pressão. A liberdade de experimentar, pensar e raciocinar pode trazer muitos benefícios para o desenvolvimento das crianças. Quando é dada a liberdade para explorar o que lhe interessa ou desafiar o que aprendeu, a criança desenvolve um senso crítico e compreensão de si mesma, do outro e do mundo.

Com isso, para proporcionar uma liberdade de expressão no interior da sala de aula, a ludicidade se torna algo imprescindível nos projetos explorados. É por meio da brincadeira que a criança desenvolve o conhecimento sobre si mesma e todos os contextos com os quais interage. Sob essa perspectiva, as atividades exploradas por nós, dentro da sala de aula, não se limitaram ao plano de aula sugerido pela professora. Ao desenvolvermos as atividades de colagem e pintura referente às letras do alfabeto, era notável a falta de interesse e indisponibilidade para a realização destas tarefas. As crianças estavam mais interessadas em brincar de “faz de conta” e conversar umas com

as outras. Felizmente, as crianças conseguiram se entusiasmar quando sugerimos explorar algumas letras do alfabeto de outra forma: o jogo de adivinhação.

No quadro branco da sala de aula foram desenhadas várias formas de animais enquanto as crianças, sentadas em uma rodinha, tentavam adivinhar que animal estava sendo desenhado e com qual letra começava o nome daquele animal. Era nítida a empolgação das crianças ao brincar e interagir conosco, pois ali naquela sala de aula o espaço de experiência e aprendizagem havia ganhado mais dinamicidade. Segundo Maria Walburga (2020), o brincar é um dos elementos que ajudam a significar e movimentar a vida, pois o brincar é uma forma de presença e de viver o momento. Com o brincar de adivinhação conseguimos transformar um espaço para a experimentação da liberdade e não somente um hábito pedagógico de contornar letras do alfabeto em atividade mecânica, pois o ato de brincar não é uma recompensa, e sim um direito da criança.

No momento daquele brincar foi necessário, como AD e futuros(as) professores(as), tentarmos favorecer as condições para que as crianças conseguissem criar seus saberes. A experiência dentro da sala de aula reforçou a ideia de que a “gramática pedagógica” do professor da Educação Infantil é propiciar o desenvolvimento integral das crianças, o que torna a autonomia um aspecto essencial a ser trabalhado com elas. Era necessário observarmos o que as crianças estavam fazendo para que a gente conseguisse criar um ambiente favorável para a construção da autonomia delas.

Ao planejar e implementar essa atividade em sala de aula, utilizamos como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010). As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) são orientações do Ministério da Educação para a organização dos currículos que definem objetivos, princípios, fundamentos e procedimentos para garantir uma educação infantil de qualidade e alinhada com os direitos e necessidades das crianças, além de contribuir com a formação de cidadãos críticos, conscientes e autônomos. Nossa atividade foi desenvolvida com o objetivo de

estimular a confiança e a participação das crianças coletivamente, bem como incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento e o desenvolvimento de conhecimento acerca do mundo físico e social, do tempo e da natureza.

Diante disso, pensando no trabalho e no ambiente da sala de aula, tivemos a oportunidade de realizar uma intervenção da realidade a fim de transformá-la. Houve um momento com as crianças em que foi estabelecido como as atividades seriam direcionadas e coube a elas dizer como gostariam de realizar. Foi necessário compreender os interesses delas e interpretá-las. Tudo isso, envolveu a intencionalidade, pois o trabalho do professor é sempre intencional. Percebemos que *saber observar* é uma qualidade imprescindível para a formação de um excelente professor e muitas vezes, esse aspecto é negligenciado.

Alguns professores podem acreditar que as crianças não são capazes de participar de atividades livremente, seja por imaturidade ou por não saberem o que fazer. Essa postura acaba sendo fruto de uma visão adultocêntrica⁸ pois pode haver uma percepção implícita ou explícita de que as crianças são menos inteligentes ou competentes do que os adultos.

No entanto, é válido recordar que as crianças são naturalmente curiosas e exploradoras, e têm um potencial criativo imenso que pode ser estimulado por meio de atividades lúdicas e investigativas. Quando são oferecidos espaços e materiais adequados, as crianças são capazes de se engajar em processos de descoberta e aprendizado de forma autônoma, criativa e prazerosa.

Além disso, a participação livre e espontânea em atividades também é fundamental para o desenvolvimento social e emocional

8 William Corsaro fala sobre a visão adultocêntrica em sua obra *The Sociology of Childhood*, publicada pela primeira vez em 1997. Ele argumenta que a visão adultocêntrica é baseada na crença de que os adultos são superiores às crianças e que suas experiências são as únicas válidas. Corsaro afirma que essa perspectiva impede os adultos de compreender verdadeiramente o mundo das crianças e valorizar suas perspectivas e opiniões. Em seu trabalho, Corsaro propõe que a pesquisa sociológica e antropológica deve incluir as crianças como participantes ativos e membros importantes da sociedade, a fim de promover uma visão mais equilibrada e justa das relações entre adultos e crianças.

das crianças, já que permite a interação com os colegas de forma mais natural e a experimentação de diferentes perspectivas. Para colaborar com essa linha de pensamento, Guattari (1981) fala sobre a importância da creche como iniciação para as crianças. Ele argumenta que a creche deve ser vista como um espaço de socialização e aprendizagem para as crianças, onde elas possam desenvolver habilidades cognitivas e emocionais desde cedo.

Nessa perspectiva, enfatizamos que o brincar na Educação Infantil é uma forma de ser feliz, e as infâncias devem ser vividas de forma plena no espaço educacional, com brincadeiras internas e externas e experiências concretas. O conceito de criança não se limita às questões biológicas ou de desenvolvimentos cognitivos, existe uma construção social em torno do ser criança. Pois,

A sociologia da infância compreende a criança como um agente ativo no processo de produção cultural, assim como a psicologia do desenvolvimento está dando uma virada histórica ao romper com a visão tradicional de que esta é um ser passivo. Ao encarar a infância como um período da vida em que ela é participante ativa da sociedade, que está situada no tempo e espaço, que é produtora e reprodutora de cultura, a psicologia do desenvolvimento passa a estudar a criança como uma categoria social que age sobre o mundo (BRANDÃO, 2010, p. 17).

Nesse sentido, no decorrer das atividades realizadas, tendo como base o plano de aula e a rotina já estabelecida pela professora regente, pudemos perceber como as crianças mantêm suas culturas familiares, seja por meio de atitudes ou ações. Mas não somente absorvem e reproduzem, pois observamos com atenção, que as brincadeiras antigas acabam sendo reformuladas pelas crianças com novas regras ou objetivos diferentes. E isso diz muito a respeito de como interpretam o mundo e o moldam à sua maneira.

As culturas apresentadas às crianças são uma ponte para uma nova criação, por meio das brincadeiras produzem novas formas de

ser e existir. Partindo desse olhar na experiência na sala era possível ver como esses momentos aconteciam. Um exemplo seria em uma tarde na Assistência quando duas crianças brincavam, sendo que uma “interpretava” ser a mãe e a outra a filha, faziam isso por várias horas e no decorrer do dia percebemos que já era algo comum para elas. Ou seja, aprimoraram a brincadeira e como num teatro, performaram sua imaginação. Segundo Brandão (2010):

A brincadeira de faz-de-conta é uma atividade intrínseca da infância e muito importante para o desenvolvimento cognitivo, social, psicomotor e afetivo de crianças entre dois e sete anos. Ela parece ser universal, apesar de apresentar particularidades em forma e conteúdo a depender das especificidades dos indivíduos e dos contextos sócio-culturais onde ocorrem (p. 21).

E, neste brincar de faz de conta, uma outra situação, vivenciada por nós no diálogo envolvendo cinco crianças que debatiam sobre não existir jaqueta masculina ou feminina, é comum ver esse tipo de discussão com pessoas mais maduras e com ideologias definidas, debatendo posicionamentos e defendendo suas opiniões. Mas observar crianças entre 4 e 5 anos conversando sobre essas questões é de fato algo a se destacar. Seus argumentos eram: “mas é só uma roupa!”, “ele ficou lindo com a minha jaqueta!”, “mas a minha mãe disse que não pode!” e “mas a minha mãe deixa!”. Foi possível observar a influência dos familiares e também perceber as ideias das crianças. No final da conversa ficou decidido que o menino estava muito bonito com a jaqueta da coleguinha.

A sala é um palco propício a esses momentos de interação e colisão entre as diferentes realidades. Assim as certezas colocadas pela família ou/e instituições religiosas, vão sendo reproduzidas e compartilhadas entre si e as crianças percebem que não existe somente a sua realidade. Por isso, pensar que as crianças são meros receptores de conhecimentos é negar uma verdade visível a quem estiver disposto a observar atentamente as suas ações. A criança deve ser vista como

um ser capaz de interferir na sua realidade e compreendê-la na sua condição de criança.

SABERES E APRENDIZAGENS: FORMAÇÃO INICIAL E FORMAÇÃO CONTINUADA

As formações continuadas e as reuniões semanais oferecidas pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) foram cruciais para o aprimoramento de nossas habilidades práticas para uma reflexão mais profunda sobre teorias que aprendemos no Laboratório e como podem ser aplicadas na prática. Além disso, o contato com a realidade escolar e os encontros de avaliação das nossas ações nas escolas nos ajudaram a lidar melhor com as diversas situações que surgem diariamente no âmbito escolar.

Os encontros semanais que acontecem às segundas-feiras no espaço do LEPETE, para falarmos sobre as vivências e desafios dos/nos cotidianos nas escolas nas quais atuamos na assistência à docência. Aqueles momentos de avaliação semanal trouxeram grandes aprendizados, pois ali dialogamos sobre nossas ações e refletimos sobre como podemos melhorar nesse processo de formação inicial.

As coordenadoras do PAD nos orientam sobre as práticas pedagógicas nos colocando a pensar sobre as possíveis formas de realizar o trabalho docente em sala, quando é necessário ressignificar as atividades deixadas pelos(as) professores(as) regentes. Desse modo, o desenvolvimento de uma postura consciente e uma identidade profissional vêm sendo construídas no decorrer de nossas trocas entre diferentes campos das licenciaturas, por isso essas interações semanais não apenas propiciam momentos de compartilhamento de experiências, mas também de refletir sobre o desenvolvimento acadêmico e a profissionalização docente.

No curso de Pedagogia, a base teórica é de extrema importância, pois proporciona aos alunos um entendimento sólido dos conceitos e práticas educacionais. Compreender as diferentes teorias e abordagens

é essencial para a aplicação efetiva desses conhecimentos na prática. Além disso, a formação continuada é crucial para os profissionais da educação manterem-se atualizados sobre as últimas tendências, teorias e práticas educacionais, garantindo que estejam preparados para enfrentar os desafios e mudanças na área.

Sendo assim, Wanzeler (2014, p. 16) afirma que a formação continuada vem com o objetivo de promover processos transformativos tanto nas práticas pedagógicas quanto no cotidiano escolar. Além disso, busca trazer estratégias de intervenção dependendo do contexto e realidade escolar. A autora ainda afirma sobre como este espaço propicia uma troca de experiências, análises e reflexões sobre as práticas pedagógicas. Ou seja, as formações são pensadas a partir de uma realidade que buscamos transformar.

Em resumo, a formação continuada oferece também oportunidades para o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como a troca de experiências e aprendizado com outros educadores. A base teórica e a formação continuada são essenciais para os futuros pedagogos terem conhecimento sólido e adaptabilidade frente às mudanças constantes na área da educação, garantindo o crescimento profissional contínuo.

A partir disso, em uma de nossas reuniões semanais, discutimos as incertezas que surgem na nossa rotina. Embora o planejamento seja uma ferramenta útil e a rotina ofereça segurança para nossas práticas pedagógicas, muitas vezes somos surpreendidos por situações que nos tiram da zona de conforto, seja por expectativas não atendidas em atividades que imaginamos de uma forma e que acabam acontecendo de outra, ou por outras situações imprevistas. Diante disso, podemos optar por reorganizar nossas atividades de maneira diferente ou repensar a forma como elas são planejadas e executadas.

O LEPETE também nos proporcionou a oportunidade de trocar conhecimentos com colegas de outras áreas, o que foi extremamente valioso para nós. Isso nos permitiu ampliar nossa visão sobre os desafios que enfrentamos na sala de aula e encontrar soluções mais criativas e eficazes por meio da exposição a diferentes perspectivas e abordagens. Ao interagir com pessoas de outras áreas, pudemos

enriquecer nosso aprendizado e desenvolver habilidades importantes para a resolução de desafios pedagógicos no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas ao longo do trabalho foram fruto de uma colaboração entre alunos e professores. O conhecimento adquirido, tanto acadêmico quanto profissional e pessoal, é resultado da interação entre o ambiente de trabalho real, o professor experiente como orientador e as crianças como público-alvo.

Além disso, é fundamental ressaltar que foi por meio do PAD que tivemos a oportunidade de desenvolvermos e ampliarmos nossos conhecimentos e saberes na educação infantil, além de colocar em prática as teorias aprendidas e refletir sobre nossas práticas pedagógicas.

O caminho percorrido até o PAD foi essencial para valorizarmos esse projeto importante para a formação inicial, mas foi o nosso encontro com ele que nos possibilitou um pensamento crítico a respeito da realidade escolar a partir da nossa vivência nas escolas.

Ao refletirmos sobre as escolas foi impossível dissociá-las do seu contexto social, pois percebemos que tem grande influência na escola, seja por meio de culturas enraizadas ou da classe social predominante. E no CMEI não foi diferente, percebemos que as crianças mantinham certo padrão nas roupas, na alimentação, nos objetos pessoais e até em comportamentos reproduzidos da sua interpretação sobre a cultura local.

Ao assumir a responsabilidade pela regência da sala de aula, nos deparamos com uma variedade de experiências em tempo real e com desafios que não poderiam ser representados em uma aula teórica de Universidade durante a nossa formação para o cargo. Por essa razão, podemos afirmar que nossa formação foi enriquecida por meio do contato com uma realidade multifacetada proporcionada pelo Projeto Assistência à Docência.

Inicialmente, é notável o impacto positivo que essa experiência teve no âmbito acadêmico. Nesse sentido, após estabelecer uma conexão entre os conhecimentos adquiridos em sala de aula e a prática pedagógica dos professores envolvidos, compreendemos de forma mais abrangente a diferença entre o conhecimento técnico e a pedagogia no que diz respeito à Educação Infantil e o processo de desenvolvimento das crianças, não apenas da maneira que conhecíamos anteriormente, mas sim de uma forma aprofundada. Ajudar as crianças em seu processo de aprendizagem é uma parte fundamental da profissão, e apenas por meio deste contato real foi possível obter uma visão completa de como a pedagogia é planejada e aplicada na realidade de um Centro Municipal de Educação Infantil.

Considerando a Resolução nº 5/2009 do Conselho Nacional de Educação (CNE), observamos na prática que a Educação Infantil tem o propósito de oferecer oportunidades que combinem as experiências e conhecimentos das crianças com aspectos culturais, artísticos, ambientais, científicos e tecnológicos, de modo a promover o desenvolvimento integral delas, sendo crucial que as atividades desenvolvidas em sala de aula não se limitem somente à preparação para a alfabetização.

Ao levar em conta que a criança é um ser explorador por natureza, é fundamental que o ambiente da sala de aula ofereça um espaço que permita atividades lúdicas, como fitas adesivas coladas no chão, mesas com atividades diversas e outros recursos similares. É importante que esses espaços estejam disponíveis de forma constante, todos os dias, para que as crianças possam brincar livremente.

Em resumo, ao ter contato com as crianças, tivemos que ajustar nossa abordagem ao ambiente em questão. Embora tenhamos estudado a teoria, foi um desafio assumir o papel de educadores, mas ao vermos as teorias fundamentais para a Educação Infantil em ação, foi gratificante. Descobrimos conceitos que, de outra forma, teriam passado despercebidos, como a importância de atividades lúdicas no processo de ensino e a necessidade de permitir que a criança seja a protagonista de seu próprio aprendizado. Dessa forma,

com a combinação de teoria e treinamento prático, a educação se torna menos abstrata e mais aplicável à sala de aula, com exemplos de práticas funcionais em múltiplos contextos. É evidente que a teoria é essencial para a atuação do professor. Além disso, podemos afirmar que a implementação de atividades lúdicas, que visam o desenvolvimento da autonomia da criança, pode ser bem-sucedida dentro do ambiente escolar.

Por fim, vale destacar que considerando a importância da teoria como base de nossas práticas pedagógicas, o LEPETE - atuando em conjunto com o PAD - oportuniza as formações e proporciona reuniões semanais a partir das necessidades da realidade escolar de cada instituição de ensino. Assim, enriquecem nossos conhecimentos educacionais e as escolas - corpo docente e discente - que serão atravessadas pela nossa prática educacional.

Referências

- BRANDÃO, Ilana Figueiredo. **A criança ressignifica a cultura: a reprodução interpretativa nas brincadeiras de faz-de-conta em três contextos diferenciados**/ Ilana Figueiredo Brandão. – Salvador, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 01 abr. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Resolução nº 5/2009 do Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 2009. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf. Acesso em: 17 mar. 2023.
- CORSARO, W. A. **The sociology of childhood**. Pine Forge Press/Sage Publications Co. 1997.
- GUATTARI, Félix. As creches e a iniciação. *In*: GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: as pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre adultos e bebês na creche: o cuidado como ética**. São Paulo. Cortez, 2011

SANTOS, S. V. S. Sociologia da infância: aproximações entre Willian Corsaro e Florestan Fernandes. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 5, n. 1, 2014. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v5i1.344. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6589>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Em movimentos. O brincar: “ponte de esperança” e de vida** –. Youtube, 10 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QtIKaoS3ZPM>>. Acesso em: 05 mar. 2023.

WANZELER, Eglê Betânia Portela. **Oficinas de formação em serviço: uma experiência transdisciplinar em formação de professores.** /Eglê Betânia Portela Wanzeler; Euzeni Araújo Trajano (orgs.) Manaus: Editora Valer, 2014.